

“Na hora crítica, mais coragem do que o dever exigia”

Heróis do Reino Animal

Alan Devoe

UMA MINÚSCULA carriça, pouco maior que um dedal, estava pousada havia uma hora numa coluna do caramanchão perto do ninho, derramando uma tal torrente de melodia que eu a escutava embevecido. De repente, as alegres notas cessaram. Houve um segundo de silêncio. Logo em seguida ouviu-se um chilrear *staccato* que em língua de carriça quer dizer: *Atenção! Perigo!*

Aproximei-me do caramanchão para observar. Papai carriça dançava sobre a coluna num espasmo de agitação. A mãe carriça pôs a cabecinha para fora da porta da sua pequena casa com os olhos brilhantes fitos em qualquer coisa embaixo. Então vi o que era. Uma cobra-cipó do comprimento do meu braço ia subindo pelo caramanchão num avanço constante.

Essas cobras, implacáveis perseguidoras de camundongos e filhotes de passarinho, sobem às árvores com a agilidade do gato e limpam um ninho em poucos segundos.



Não são venenosas, mas dão botes furiosos e, quando mordem, ficam penduradas roendo a carne.

Apanhei um pau e corri para lá. Verifiquei, porém, que minha ajuda era desnecessária. A cobra fôra se meter com heróis.

Com um grito áspero, papai carriça mergulhou da coluna e bicou o salteador bem atrás da cabeça. A cobra deu um bote, mas só atingiu o espaço vazio. Naquele instante a carriça mãe partiu da porta da casinha, desceu a prumo e atingiu-a na espinha dorsal com violenta estocada. O corpo da cobra tremeu e afrouxou. Bastaram uns dois minutos e uns 20 golpes furiosos de arrojados bicos pequeninos para liquidar o assunto. O reptil perdeu a firmeza e caiu ao solo. Mas os minúsculos defensores de seus filhotes ainda não haviam terminado. Continuaram a atacar, bicando furiosamente a grande cobra até deixá-la morta na relva. E de uma coluna próxima do caramanchão ecoou uma torrente de canto triunfal.

Isso foi no ano passado. Se no corrente ano há uma multidão de alegres carriças enchendo de música o meu jardim até que ponto não terá contribuído para tanto o extraordinário heroísmo dêsse casal de passarinhos?

O grande cientista Alexis Carrel disse uma vez que tôda a raça humana era levada às costas por uns poucos de heróis. Quase todos nós estamos vivos hoje só por que algures na nossa árvore genealógica houve um

herói, alguém que na hora crítica se revelou mais corajoso do que o dever exigia, destacando-se por sua paciência, bravura ou perseverança. O mesmo se dá entre as criaturas da mata e do campo.

Recentemente, perguntei a um famoso zoólogo qual tinha sido a ação mais notável de uma criatura selvagem que êle já presenciara. Procurando na memória os feitos de valentes animais de grande porte, matreiros texugos e rapôsas, súbitamente sorriu e disse que, se não se enganava, seu herói mais eminente era provavelmente um inseto.

Estava na margem de um ribeirão quando notou uma vespa-caçadora no chão, perto dêle. Ela havia paralizado uma enorme aranha e estava tentando, em vão, transportá-la para a sua toca. A vespa não podia levantar vôo com a pesada carga e o transporte por via terrestre era impraticável.

Finalmente, a vespa arrastou a aranha a curta distância até ao ribeirão e pô-la a flutuar. Agarrando firmemente o corpo flutuante, a vespa agitou as asas a tôda a velocidade. Lentamente, como um helicóptero rebocando um barco, a vespa rebocou a aranha por espaço de uns 65 metros rio abaixo, enquanto o zoólogo, atento a acompanhava pela margem. De repente, a vespa rumou para terra e um momento depois estava içando seu tesouro, encharcado, pelo barranco acima. Ali, a poucos centímetros da água, ficava a sua toca. Exausto mas triunfante, o in-

esto arrastou porta a dentro sua prêsa, tão duramente conquistada.

—Graças a essa visão inesquecível do mundo dos insetos—disse o zoólogo—fiquei sabendo que também eles têm os seus Colombos e Galileus.

Nunca pensei que existissem heróis entre os morosos cangambás, com cauda de penacho, que percorrem os meus bosques. Um dia, porém, encontrei um grande exemplar que, de um modo ou de outro, ficara prêso pela cauda numa cêrca de arame farpado e pendia, de cabeça para baixo, com as patas dianteiras junto do chão, mas sem poder tocá-lo. Devia estar há muito tempo naquela posição, pois estava desesperadamente esgotado e fraco. (Tive ímpetos de correr a socorrê-lo, mas, lembrando-me de sua arma eficaz, decidi observar.)

A atitude costumeira de um animal numa situação aflitiva e anormal é debater-se em pânico. O que faz os heróis é precisamente a capacidade de não fazerem o que todos fazem. O meu cangambá estava procedendo com uma disciplina heróica, fora do comum. Em vez de malbaratar suas já minguadas fôrças numa luta desesperada, ficava longos minutos pendurado, inerte como um animal morto; depois, com um balanço, contorcendo-se, erguia e virava o corpo até poder segurar o arame com as patas dianteiras. Assim enroscado, quase formando um círculo, atacava a cauda com os dentes, exatamente abaixo do lugar em que estava prêsa nos fios. Estava empenhado em fazer uma amputação.

Só conseguia trabalhar durante segundos na terrível tarefa, depois esmorecia e deixava-se cair de novo, ficando pendurado, inerte, acumulando fôrças para o próximo assalto. Depois que descansava um pouco, repetia a manobra, calmo como um cirurgião, sem emitir o mínimo ruído.

Finalmente conseguiu-o. Com um tóco de cauda de uns 15 centímetros em vez do penacho de mais de 30, o animal caiu ao solo, com as pernas bambas, e desapareceu na mata.

O heroísmo é contagioso. Ver a bravura resplandecer num indivíduo superior e dêste difundir-se a todo um grupo é algo que empolga o coração de um observador. Um exemplo notável foi presenciado pelo naturalista Enos Mills, ao observar um bando de sete cabritos monteses que escalavam um desfiladeiro no Alasca.

Tomaram por uma parede de rocha quase completamente lisa, acompanhando uma fenda na superfície da pedra. Pequenas saliências e tufos de raízes ofereciam precário apoio aos pés. Súbitamente pararam a um metro ou dois do cume. A fenda terminara. Em fila, cosidas à rocha, não podiam ir para diante nem para trás.

Mills dirigiu o binóculo para o velho bode que conduzia o bando. Viu como age um herói. Lentamente, com infinito cuidado, o guia tateou o paredão da rocha com os cascos dianteiros. Ergue-se mais e mais, nas patas traseiras com as dianteiras sem-

pre tateando, até que achou uma saliência infinitesimal. Aí, firmando-se bem na saliência encontrada, re-tesou o corpo, tomou impulso e saltou verticalmente para cima. Os cascos traseiros fixaram-se onde os dianteiros tinham estado e numa fração de segundo o corpo encolheu-

se e deu mais um salto para cima.

O bode fizera o impossível. No ápice da rocha êle voltou-se e ficou de pé, para que os companheiros o vissem—um símbolo de triunfo. Êle conseguira; outros poderiam fazê-lo. Um após outro seus companheiros realizaram o heróico salto.



Frases Pitorescas

UM GATO bem almoçado alisando suas rugas (H.E.H.) . . . O inverno era um tenda branca esvoaçante prêsa à terra congelada (*Farm Journal*) . . . O riacho pedregoso tiritando de frio (*Times de New York*) . . . O tempo correu como o relógio de um táxi (C.H.)

Informações aos pais: Para cada aluno com uma centelha de gênio há uma dúzia com defeito na ignição . . . Orientação infantil é o que um número de pais cada vez maior está recebendo dos filhos (*The Saturday Evening Post*)

Mexericos: Êle é dêsses tipos que entram numa porta giratória atrás de você e saem na sua frente (*Daily Express de Londres*) . . . Ela tem cabelos louros compridos com raízes pretas curtas (*Photoplay*)

Definições definitivas: Instrução—a capacidade de citar Shakespeare sem o atribuir à Bíblia (E.E.) . . . Marilyn Monroe—uma garôta que a gente olha devagarinho, devagarinho (Sammy Kaye) . . . Observação casual—qualquer coisa que um homem consegue dizer quando duas mulheres estão falando (*The Saturday Evening Post*)

Ângulos oblíquos: O melhor predicado de uma môça é a imaginação de um homem . . . Nada é impossível para o homem que manda fazer as coisas (F.W.)

Linguagem de cartaz: Num caminhão da companhia telefônica em Oakland, Califórnia: "A cortesia é contagiosa; provoquemos uma epidemia."